

## OS PALEONTÓLOGOS BRASILEIROS\*

J. R. De Andrade Ramos\*\*

## Résumé:

The Author describes, under a personal view, the Brazilian paléontological scenary and its actors. He starts describing very briefly the different contributions to the fossil bibliography, with the Priest Manuel Ayres de Casal, who wrote reference to Brazilian pleistocene mammals, in 1819. Lund and all the pioneer scientists are mentioned, with short explanations. Agassiz, Hartt, Derby, Maury, Euzébio de Oliveira, Mathias Roxo, Price, Camargo Mendes, Kegel, the Petrobrás paleontologists, and several younger scientists are mentioned, with brief references to their work.

A paleontologia tanto se nutre da biologia, como serve à geologia. Auxilia o zoólogo e o botânico no conhecimento dos ancestrais dos seres viventes. Auxilia o geólogo na determinação da idade relativa das camadas e no esclarecimento dos ambientes em que se geraram as rochas fossilíferas.

É razoável, portanto, que um geólogo, embora desviado do martelo e da lupa, e encaminhado pelos fatos do destino a gerenciar coisas da geologia, venha a discorrer sobre o cenário paleontológico brasileiro e seus atores.

A tarefa que representa esta pesquisa histórica, sobre o tema paleontológico, dá-me grande satisfação intelectual, pois os primeiros anos de minha vida profissional dediquei-os, com muito entusiasmo, à paleontologia. Além de alguns anos dedicados à pesquisa em estratigrafia, cheguei a publicar modestos trabalhos pa-

\* Estas notas foram apresentadas em 1983, no VIII Congresso Brasileiro de Paleontologia, no Rio de Janeiro. Foram corrigidas, revistas e atualizadas, para publicação neste Anuário.

\*\* Professor Titular da UFRJ, Professor da UERJ

leontológicos na década de 50. Fui, com orgulho, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Paleontologia.

Os mais antigos se lembram ... As faunas fósseis de Maria Farinha e Gramame, o reconhecimento do paleoceno nordestino, a participação nas bancas de exame para Catedrático e Livre-Docente dos paleontólogos Fausto Luiz de Souza Cunha e Friedrich Wilhelm Sommer, velhos amigos de mais de trinta anos, e alguma outra dedicação à paleontologia, nas coletas, nas classificações, nas correlações, na sistemática, etc, etc, etc, tudo isto e por tudo isto, aqui estou ...

Hoje, já existe no Brasil uma consciência paleontológica, e uma massa crítica de paleontólogos e estratígrafos, capazes de promover congressos nacionais. Os dois últimos congressos brasileiros de paleontologia mostram que a nossa cultura paleontológica deixou de engatinhar, como até há poucos anos atrás, e firmou-se no cenário internacional, como um jovem, consciente e talentoso.

O I Congresso Latino-Americano de Paleontologia, realizado em Buenos Aires, em 1978, constituiu-se num marco decisivo de um ideal, visando o intercâmbio profissional e universitário e o conagraçamento dos paleontólogos da América Latina.

O II Congresso Latino-Americano, realizado em 1981, em Porto Alegre, foi a consagração desse ideal, que embala todos os cientistas. Poucos foram os países latino-americanos que não se fizeram representar nesse certame. Trabalhos apresentados, da comunidade de paleontólogos da América do Norte, da América Central e da América do Sul, além de importantes participações européias demonstraram, há cinco anos atrás, o interesse que este tipo de reunião vem despertando.

A paleontologia brasileira já está crescida: jovem, séria e talentosa ...

E tudo começou com o Padre Manuel Ayres de Casal, na sua célebre Geografia Brasílica, datada de 1819, em que menciona restos de mamíferos pleistocênicos descobertos em escavações de um açude, na Vila de Minas do Rio das Contas, na Bahia.

Friederich Sellow, discípulo de Humboldt, vindo de Berlim, chegou ao Brasil em 1814, tendo aqui permanecido até a sua mor-

te, em 1831. Embora sua principal atividade fosse no ramo da botânica, ele examinou os carvões do Jacuí e colheu restos de vertebrados pleistocênicos descritos por Christian Samuel Weiss, em 1827. As melhores peças paleontológicas colhidas por Sellow foram remetidas para o Museu Nacional. Este pioneiro descreveu uma série fossilífera entre São Gabriel e Caiguaté, no Rio Grande do Sul, com dentes e crânios de peixes e dicotiledôneas silicificadas.

Merecem destaque especial os trabalhos de Peter Wilhelm Lund, naturalista dinamarquês, que morou de 1833 a 1880, na bacia do rio das Velhas, em Minas Gerais, tendo descrito 115 espécies de mamíferos da fauna pleistocênica das cavernas daquela região, fauna gigantesca comparada com a atual. Foi ele o descobridor da raça humana fóssil de Lagoa Santa, e o observador de que inúmeros animais atuais encontravam-se, nas grutas, em formas fósseis ligeiramente diferentes das espécies viventes, fato que muito contribuiu para consolidar a teoria da evolução.

Lund nasceu em Copenhague em 1801. Doutorado em Filosofia, estudou ciências naturais. Veio ao Brasil, a primeira vez, em 1825, para uma permanência de 3 anos, durante os quais se dedicou à exploração da fauna e flora brasileiras. Em 1833, volta ao Rio de Janeiro, onde conhece o botânico Riedel, com quem inicia uma viagem a Goiás, interrompida em Curvelo, no sertão mineiro. Aí, Lund trava conhecimento com Peter Clausen, o Pedro Dinamarquês, fazendeiro na região. Seu novo amigo leva o cientista a uma gruta que havia em sua fazenda, onde haviam sido encontrados ossos de animais gigantesco, durante a exploração de uma mina de salitre. Lund fica fascinado com o que via e, neste momento, nasce nele um ideal que o iria transformar no pai da paleontologia brasileira. Em lugar de prosseguir viagem, resolve fixar-se em Lagoa Santa, situada em meio a numerosas grutas.

Em 1842, à margem da lagoa do Sumidouro, em Pedro Leopoldo, Lund faz sua mais sensacional descoberta: a presença de ossos humanos no mesmo nível dos animais de fauna extinta, fato que provoca celeuma no mundo científico. Em Lagoa Santa, ele explora sistematicamente mais de 150 cavernas e reconhece dezenas de espécies de grandes mamíferos pleistocênicos.

Em 1844, pouco depois de sua mais importante comunicação à Academia Real de Ciências de Copenhague, justamente a que tratava do Homem da Lagoa Santa, Lund pára toda atividade científica, mantendo-se alheado e em silêncio até sua morte, aos 79 anos.

Do material colhido por Lund (só na gruta do Sumidouro encontrou cerca de 20 crânios), pouca coisa ficou no Brasil, sob a guarda do nosso Museu Nacional. A grande maioria, perto de 12 mil peças, foi enviada para a Dinamarca e permanece no Museu Lund.

Enquanto as investigações de Lund revestiam-se de alto interesse biológico, a contribuição do botânico inglês George Gardner (que em 1841, visitou e descreveu a localidade dos peixes fósseis do Ceará), fornece a Agassiz material para a primeira determinação da idade cretácica, sob base paleontológica, de uma formação brasileira.

Deve-se a Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui a primeira monografia sobre mamíferos pleistocênicos do Brasil. Burlamaqui ingressou no Museu Nacional em 1847; foi seu diretor, tendo sido, durante dois decênios, a suprema autoridade nas geociências. Seu auxiliar e sucessor foi Guilherme Schuch de Capanema (depois Barão de Capanema), que começou a trabalhar no Museu em 1849. Capanema deixa várias memórias (de 1854 a 1904) sobre assuntos geológicos, como os sambaquis, os depósitos fosfatados de Fernando de Noronha, etc.

Por iniciativa do Instituto Histórico, o governo imperial organizou, em 1857, uma expedição científica às províncias do norte, nela tomando parte Capanema e João Martins da Silva Coutinho. Estes dois cientistas, embora agudos observadores, sobrecarregados com deveres administrativos, deixaram poucos trabalhos escritos. Silva Coutinho foi o descobridor, em 1863, dos jazigos fossilíferos paleozóicos do Tapajós.

Nathaniel Plant apresentou em 1867, estudos pormenorizados sobre os terrenos carboníferos do Rio Grande do Sul, incluindo seus fósseis.

Na geologia do Brasil, destaque especial teve Charles Frederic Hartt, canadense de origem. Já era conceituado profissional, a despeito dos seus 25 anos de idade, quando veio, em 1865, ao Bra-

sil, como geólogo da expedição organizada por Nathaniel Thayer e chefiada por Jean Louis Agassiz. A expedição tinha como objetivo estudar a fauna de água doce e averiguar a ocorrência de uma época glacial no Brasil setentrional.

Em 1867, com o auxílio de alguns amigos, Hartt empreendeu a segunda viagem ao Brasil, tendo em vista complementar seus estudos sobre a geologia da costa brasileira e visitar, nos Abrolhos, os recifes coralígenos. Em 1870, deu à publicidade sua notável Geologia e geografia física do Brasil, livro básico, até hoje consultado. Nesse trabalho, Hartt contribuiu para o descobrimento de um terreno fossilífero, provavelmente devoniano, no baixo rio Pardo, na Bahia. Apresenta-nos, ainda, um estudo pormenorizado sobre o mar coralífero dos Abrolhos.

As duas expedições patrocinadas, em 1870, por Edwin B. Morgan, Diretor da Universidade de Cornell, em Ithaca, compunham-se de Hartt, chefe das expedições, de A.N. Prentiss, botânico, de Orville Adalbert Derby, D.B. Wilmot, Powers e outros. Do vale do Amazonas, só se sabia da existência de terrenos cretácicos, classificados por Agassiz, baseado em coleções feitas por Chandless, no rio Purus. Hartt concluiu que a serra do Ererê era de rochas paleozóicas, enquanto a planície setentrional ficou definida pela descoberta de fósseis devonianos. Prentiss e Powers investigaram o cretáceo do Recôncavo Baiano, enquanto Derby e Wilmot deram a conhecer a existência de uma bacia fossilífera, ao norte de Recife, em Olinda e em Maria Farinha, cujos fósseis foram, em parte, descritos por R. Rathbun, como cretácicos.

Em 1871, Hartt e Derby, no Pará, pesquisaram o carbonífero do Tapajós, o devoniano da Chapada de Monte Alegre e os taboleiros terciários da margem setentrional do rio Amazonas.

EM decorrência do programa administrativo do Conselheiro Costa Pereira, de 1874, Hartt foi convidado a estruturar a Comissão Geológica do Império, objetivando, entre estudos de geologia e de mineração, especificamente, a paleontologia e a paleobotânica, bem como a obtenção de coleções.

Em 1875, Hartt explorou a bacia fossilífera do litoral pernambucano, colecionando milhares de fósseis, que foram confiados a R. Rathbun. Percorreu a ilha de Itamaracá, enquanto Francisco

José de Freitas examinava as vizinhanças de Igarapé, onde descobriu fósseis.

Em 1876, Luther Wagoner, integrante da Comissão Geológica do Império, estudou a bacia carbonífera de Tubarão, em Santa Catarina, ainda não visitada e investigou os sambaquis de Laguna. No Estado do Paraná, em Ponta Grossa, colheu os primeiros fósseis devonianos.

Em 1878, o Conselheiro Cansação de Sinimbu suspendeu os trabalhos da Comissão Geológica, por motivos econômicos. Como hoje, eram os trabalhos básicos de geologia e paleontologia, os que sofriam sempre os primeiros cortes orçamentários. Dissolvida a Comissão, as coleções foram transferidas para o Museu Nacional. Não podendo conformar-se com o naufrágio de seus projetos, nem com a ameaça de perda total do material científico acumulado, Hartt permaneceu no Rio de Janeiro, lutando por uma solução, até seu falecimento, vitimado pela febre amarela, nesse mesmo ano.

Graças ao então Diretor do Museu, Dr. Ladislau Netto, Derby conseguiu a preservação e o prosseguimento dos estudos das preciosas coleções de fósseis de Charles A. White, do cretáceo das zonas litorâneas, bem como as de John M. Clarke, do paleozóico do baixo Amazonas.

Extinta a efêmera Comissão geológica do Império, o Conselheiro João Alfredo, Presidente da então Província de São Paulo, sensibilizado com a falta de informações referentes à geografia e aos recursos minerais da Província que presidia, - carência que, de resto, era também de todas as outras, - decide criar, em 1886, a Comissão Geográfica e Geológica, entregando sua chefia a Orville Derby.

Grandes cientistas de então, de notoriedade internacional, foram arregimentados para participar da comissão. Derby permanece à frente desse pugilo de cientistas pioneiros, até 1907, quando assume a direção do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, retomando a linha de pesquisa da extinta Comissão do Império.

Renomados cientistas atuam, sem grande destaque, no cenário paleontológico, em São Paulo, como Hermann von Hering, Von Huene,

Luiz Flores de Moraes Rego, Milward, entre outros. Em 1893, Alberto Løefgren, eminente botânico da Comissão paulista, estuda os sambaquis de São Paulo.

No Paraná, Derby obteve material paleontológico para a determinação da idade dos grandes sistemas que aí ocorrem: devoniano, permocarbonífero e triássico.

Na bacia do São Francisco, Derby verificou a extensão dos terrenos cretáceos fossilíferos, cuja ocorrência no Ceará já era conhecida. Convenceu-se de que as madeiras silicificadas, abundantes no Sul do País, eram um excelente padrão paleontológico.

Em 1876, foi fundada a Escola de Minas de Ouro Preto. O brilho inicial dessa instituição, marcante no cenário minero-geológico do país, deve-se ao Prof. Henri Gorceix. Formado em 1879, nessa tradicional Escola, Luiz Felipe Gonzaga de Campos foi companheiro de Derby na Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e, posteriormente, seu sucessor na direção do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil. Os reconhecimentos que fez em Bauru e Itapura, no Estado de São Paulo, permitiram a definição cretácia para a formação que denominou de grês de Bauru, a qual, por sua riqueza em restos de dinossauros tem sido campo de inúmeras pesquisas. No início deste século, Gonzaga de Campos estudou, pormenorizadamente, a bacia de turfa de Maraú, na Bahia.

Na Escola de Minas, foram baluartes da paleontologia os Professores José Carlos Ferreira Gomes e Moacir do Amaral Lisboa, ambos grandes didatas, tendo o segundo deixado valiosa contribuição à botânica e à paleontologia.

Em 1889, Lauro Sodré, Governador do Pará, criou o Museu Paraense, hoje conhecido como Museu Paraense Emílio Goeldi e Friedrich Katzer, retomando as pesquisas das geociências na Amazônia, publicou uma revisão paleontológica das formações paleozóicas paraenses.

Grande parte do material paleontológico brasileiro obtido na segunda metade do século passado foi examinado em Londres. Os Professores John Morris, Thomas Rupert, Sir Philip M. Grey Egerton e Othoniel Charles Marsh estudaram, respectivamente os moluscos, crustáceos, peixes e crocodilianos, colhidos por Samuel Allport, em 1850, na série Bahia. William Carruthers descreveu em

1869, os restos vegetais colecionados nas camadas de carvão do Rio Grande do Sul. Robert Etherridge descreveu as novas coleções procedentes da Amazõnia, obtidas por C. Barrington Brown. O Dr. Arthur Smith Woodward tratou dos peixes cretáceos da série Araripe (1888-1902); dos vertebrados da série Bahia, colhidos por Joseph Maeson (1888-1907); dos mesossaurídeos permianos do Sul do Brasil (1897-1904) e dos dinossauros triássicos do Rio Grande do Sul (1904). Sir William Dawson, do Canadá, descreveu, em 1883, os rizocarpos paleozóicos dos rios Trombetas e Curuá, no Pará.

Criada pelo Ministro Lauro Müller, em 1902, a Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra do Brasil foi entregue à direção do geólogo norte-americano Israel C. White. O material fossilífero coletado foi descrito por David White, do United States Geological Survey, que verificou a identidade da flora permocarbonífera do sul do Brasil com a do sul da África e da Índia.

Euzébio Paulo de Oliveira foi um dos que mais numerosos trabalhos escreveu sobre o Brasil, com um total de 146 referências bibliográficas, abordando assuntos da geologia e da paleontologia. Formado na Escola de Minas de Ouro Preto, em 1905, faleceu no Rio de Janeiro, - curiosa coincidência - exatamente no dia em que sua velha Escola completava 63 anos, a 12 de outubro de 1939. Euzébio de Oliveira é um dos grandes pioneiros a reverenciar.

Em 1914, ele foi designado para integrar a Comissão Roosevelt-Rondon, na travessia do Prata ao Amazonas, pelo Mato Grosso, resultando de suas observações, conclusões de grande alcance paleogeográfico. Nomeado, em 1925, Diretor do Serviço Geológico, reúne em torno de si vários jovens engenheiros de minas, de Ouro Preto, os quais abriram novos caminhos às pesquisas científicas e, nelas incluídas, as pesquisas paleontológicas. Euzébio amparou e orientou estas vocações, até sua morte. Teve um grande significado no cenário paleontológico brasileiro.

Antes de 1925, a ausência de especialistas em paleontologia impedia que a estratigrafia brasileira fosse melhor definida. As coleções fósseis tinham de ser enviadas a especialistas americanos e europeus, que nem sempre dispunham de informações geoló-



gicas precisas sobre os fósseis, para sua correlação e divisão cronológica. Euzébio de Oliveira despertou, entre nós, o interesse pela paleontologia. Ao morrer, como Diretor do Serviço Geológico, já havia conseguido alguns resultados de seu persistente trabalho.

Euzébio publicou notas sobre fósseis marinhos de camadas glaciais de Santa Catarina e do Paraná; sobre pseudofósseis com aparência de madeiras petrificadas; sobre a posição estratigráfica de alguns lamelibrânquios; sobre os folhelhos betuminosos de Irati, com referências aos seus fósseis; sobre lamelibrânquios triássicos e insetos permianos do Paraná; sobre paleobotânica e paleozoologia. Escreveu notas paleontológicas, descreveu plantas carboníferas da flora do Piauí, descreveu e comentou gêneros novos de braquiópodos, como OLIVEIRELLA, e espécies novas, como DADOXYLON DERBYI, MAGAS SERGIPENSIS - um braquiópodo novo do cretáceo de Sergipe -, estudou madeiras fósseis petrificadas, fósseis devonianos de Goiás e moluscos fósseis de Itaboraí e Iporanga. Sua passagem pela paleontologia foi plena de trabalhos.

Em 1913, inicia-se uma série de publicações de alto nível, com a monografia nº 1, do Serviço Geológico, intitulada Fósseis Devonianos de Paraná, por John M. Clarke. Outras, que se seguiram, formam, em conjunto, a mais valiosa contribuição à bibliografia da paleontologia sulamericana, oferecida por uma só instituição.

Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo ingressa no Serviço Geológico em 1910. Em 1941, assume a chefia da Seção de Paleontologia e em 1944, assume a direção da Direção de Geologia e Mineralogia, entidade que gozava então de grande autonomia e que representa, até hoje, a continuação do antigo Serviço Geológico. Em virtude de sua sólida cultura humanística, consolidou uma segura base para sua formação de cientista, tornando-se um apaixonado cultor da paleontologia, tendo-se dedicado especialmente à classe dos répteis. De 1911 a 1936, realiza intensos trabalhos de campo com coleta de numerosos e valiosos fósseis, em vários Estados do Brasil. De 1914 a 1916, colabora no Museu Nacional, onde reorganiza as coleções paleontológicas lá existentes.

De 1937 a 1938, organiza a Seção de Paleontologia do atual

DNPM, a qual, até hoje mantém a marca de suas origens. Lecionou paleontologia na antiga Universidade do Distrito Federal, tendo publicado alguns magníficos cadernos de paleontologia que, infelizmente, permaneceram incompletos. Coletou abundantes fósseis em Mato Grosso, São Paulo e Paraná. De 1908 a 1948, publica 48 trabalhos científicos, no Brasil e no estrangeiro, sobretudo de paleontologia. Era membro de 12 associações científicas, das quais 7 estrangeiras. A vida de Roxo foi a de um estudioso infatigável, um padrão moral de homem de bem, e de coração boníssimo. É considerado o Pai Brasileiro da Paleontologia do Brasil.

Entrei no Serviço Geológico pelas mãos de Roxo. Lotou-me na Seção de Paleontologia, dizendo, irritado, que naquela casa não se fazia geologia. Os seus geólogos tinham debandado. Estavam servindo no Conselho Nacional do Petróleo, no Instituto Nacional de Tecnologia, no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e em vários outros órgãos. Deu-me a mesa que fora ocupada por Glycon de Paiva. Privei com toda aquela plêiade de paleontólogos sérios que, invariavelmente apoiados pelo Conselho Nacional de Pesquisas, impunham a paleontologia brasileira ao cenário mundial.

Llewellyn Ivor Price marcou época. Nascido em 1905, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, teve sua formação científica coroada por uma pós-graduação em paleontologia, em Oklahoma e Chicago, em 1933 e 34. Foi orientado, em sua tese, pelo renomado paleontólogo de vertebrados Alfred Sherwood Romer e, em 1936 - 1937 chefou a Harvard-Brazilian Paleontological Expedition.

Em 1940, Price inicia seu trabalho sistemático no Brasil, pesquisando os vertebrados. Estuda anfíbios e répteis fósseis, em mais de 50 trabalhos. Orienta a organização de um laboratório de preparação de vertebrados, que, mais tarde, serviu de modelo a outras instituições. Organiza uma coleção herpetológica, para fins comparativos. Falece em 1980, em pleno vigor de sua capacidade física e intelectual, no mesmo dia em que era agraciado pela Sociedade Brasileira de Geologia com a medalha de ouro José Bonifácio. A homenagem prestada a Price, em 1981, no Congresso Latino-Americano de Paleontologia, diz com muita razão: "A quem

tanto soube incentivar o desenvolvimento da Paleontologia Brasileira".

NA DGM, Roxo preparara Aristomenes Guimarães Duarte para ocupar posição de relevo na paleontologia. A morte, entretanto ceifa-o prematuramente do cenário brasileiro. Fernando Flávio Marques de Almeida, João Miranda, Octavio Barbosa, Luciano Jacques de Moraes, José Lino de Mello Junior, e outros, tiveram, nesses tempos, participação, maior ou menor, na paleontologia brasileira.

Alfeu Diniz Gonçalves ensaia em 1928, na Bahia, uma bibliografia paleontológica.

Em São Paulo, em 1937, iniciava o Barão Ettore de Fiore Di Coprani o ensino sistemático universitário da paleontologia e estimulava as pesquisas paleontológicas. Josué Camargo Mendes divulga, em 1944, a primeira bibliografia paleontológica de São Paulo; Setembrino Petri, Antonio Carlos da Rocha Campos, Wilma Campanha, Oscar Rüsler e outros mais novos ingressaram na cena paleontológica.

Karl Beurlem, com sua enorme capacidade de produção, estudava os fósseis e a geologia do Brasil.

Carlos de Paula Couto, no Museu Nacional, estudava intensamente os vertebrados e preparava sua monumental obra, intitulada Memórias sobre a paleontologia Brasileira, publicada em 1950, em que fez cuidadosa e exaustiva revisão, comentada, da colossal obra de Lund.

Convivi com todos estes grandes pesquisadores. Tive em Paulo Erichsen de Oliveira, um chefe e muito mais do que um amigo, um irmão. Com ele trabalhei vários anos e publicamos alguns trabalhos em co-autoria. Paulo Erichsen dedica-se aos invertebrados fósseis do rio Carapebas, no Rio de Janeiro, e de Maria Farinha e Gramame, em Pernambuco e Paraíba.

Começamos juntos, Friedrich Wilhelm Sommer e eu, lado a lado. Acompanhei sua profícua trajetória de paleontólogo e professor. Pelo menos, duas discípulas dedicadas foram por ele, encaminhadas: Nicéa Maggessi Trindade, nos esporomorfos e Norma Maria Cruz, nos quitinozoários. Cheguei mesmo a merecer duas espécies

de um gênero, novos, a *Ramochitina ramosi* e a *Archaeotriletis ramosi*.

Elias Dolianitti, paleobotânico, com sua famosa *Nipa pernambucensis*; Rúbens da Silva Santos, grande especialista em peixes fósseis; Maria Eugenia Marchesini Santos que, então, estudava moluscos; Lélia Duarte, na sua paleobotânica, Diana Mussa e outros, foram companheiros de trabalho de mais de uma década.

A semente, plantada por Euzébio de Oliveira e estruturada por Mathias Roxo, estava viva, dava frutos abundantes.

A Comissão Geográfica e Geológica, de São Paulo, evoluiu e, em 1938, reorganizada, passa a Instituto Geográfico e Geológico e, em 1975, a Instituto Geológico. Essa tradicional organização, que completa, em 1986, seu 1º centenário, contou, realmente, com poucos paleontólogos, destacando-se apenas, Joviano A. Pacheco, com seus trabalhos sobre os fósseis de Bauru e Sergio Mezalira, ingresso no cenário paleontológico, em 1942, pelas mãos de Mathias Roxo e Paulo Erichsen. Permanece na DGM/DNPM até 1946, onde estuda o sambaqui de Sernambetiba. Ingressa, então, no IGG, de São Paulo. Mezalira estuda os fósseis (1959 e 1960), dedicando-se à paleontologia do arenito Bauru (1974). Com A. Wohlers preparam, em 1952 e 1959, bibliografias da paleontologia de São Paulo.

No cenário paulista, no campo da Paleobotânica, atua ainda, Jordano Maniero, hoje aposentado. Foi um dos primeiros, no Estado de São Paulo, a estudar as madeiras fósseis do Paleozóico. Entre os mais novos, entram em cena F.M. Arid e L.D. Vizotto, na UNESP, trabalhando no campus de São José do Rio Preto, e E. Ra-gonha e J. Perinoto, trabalhando no campus de Rio Claro. No Instituto de Geociências, da USP, labutam nas ciências paleontológicas Murilo Lima, F. Fitipaldi, Rosemarie Rohn e Mary E. C. Oliveira-Babinski, esta na paleobotânica, J.M. Suarez, da Faculdade de Presidente Prudente, descobre o melhor jazigo de tartarugas fósseis do cretáceo de São Paulo.

A partir de 1977, a descoberta de inúmeros fósseis, vegetais e animais, as sequências sedimentares brasileiras, bem como o desenvolvimento das pesquisas palinológicas, ampliaram conside-

ravelmente o cenário paleontológico de São Paulo e do Brasil. Evidência disto encontra-se no elevado número de trabalhos apresentados nos 8º e 9º Congressos Brasileiros de Paleontologia (1983 e 1985).

Em Porto Alegre, Irajá Damiani Pinto comandava uma dedicada plêiade de pesquisadores, onde se incluíam Ivone Sanguinetti, Amneris Cauduro, Darcy Closs, Maria Costa Barbera, com os vertebrados, Marlene Marques Toigo, na palinologia, Margot Guerra Sommer, na paleobotânica e outros.

Em Recife, da velha equipe da DGM, hoje labuta Ivan Tinoco, com seus foraminíferos. Também em Pernambuco, Geraldo Muniz dedica-se aos invertebrados e Mariano Domingues da Silva, aos ostracódios. No Paraná, Frei Leonardo Guiseppi mantém viva a chama da paleontologia em Ponta Grossa.

No Rio de Janeiro, grande foi a contribuição do Museu Nacional à ciência dos fósseis. Além dos pioneiros já referidos, citam-se José Henrique Millan, paleobotânico; Candido Simões Ferreira, professor e especialista em invertebrados no terciário; Antonio Carlos Magalhães Macedo, que assenta as bases de uma paleoecologia; Fausto Luiz de Souza Cunha, aposentado na cátedra mas prosseguindo no estudo dos seus mamíferos fósseis; Maria Martha Barbosa, que estudou, outrora, briozoários fósseis; Arnaldo Coelho e alguns outros. Todos mantêm alto o nível internacional das pesquisas paleontológicas da secular instituição. Julio Magalhães, em 1948, dá notícia de ocorrência de um vegetal fóssil no Município de Guaxindiba, no Estado do Rio. Frederico Waldemar Lange, com estreitos laços às suas origens paranaenses, deixava os microfósseis para arrumar uma estratigrafia mais perfeita na bacia sedimentar sulina. Na Petrobrás, Lange desenvolveu os estudos de paleontologia, tendo sido o primeiro paleontólogo contratado por essa empresa. Na montagem de todo um arcabouço do zoneamento bioestratigráfico das formações brasileiras, participaram, com destaque, além de F. W. Lange, Karl Krommelbein, J.C. Troelsen e Helmut Müller. Lange dedicou-se aos quitinozoários e arcritarchas; Krommelbein estabeleceu o zoneamento bioestratigráfico dos ostracódios; Troelsen foi o responsável pelo zoneamento com base nos foraminíferos e Müller i-

niciou os estudos de palinologia, tendo feito os primeiros zoneamentos palinológicos que serviram de base para os atuais.

Estes quatro paleontólogos são reverenciados como os pais da paleontologia da Petrobrás. Foram eles que orientaram a formação dos atuais paleontólogos, além de serem os responsáveis pelas colunas e zoneamentos básicos de cada especialidade.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ignácio Machado Britto, Maria Antonieta da Conceição Rodrigues, Maria da Glória Pires de Carvalho, e alguns outros professores, lutaram para que a pesquisa paleontológica viesse a se efetivar como o caldo-de-cultura do ensino.

Nesta Cidade Maravilhosa que é, por certo a Capital da Geologia Brasileira, e que pode, sem erro, ser considerada como a Capital da Paleontologia Brasileira, pesquisam no DNPM, no setor, Diógenes de Almeida Campos, Presidente da Sociedade Brasileira de Paleontologia e Dea Regina Bouret Campos. Na CPRM, além de Norma Cruz, pesquisam Marise Sardenberg e outros.

Preparados na escola da Petrobrás, devotam-se, ou devotaram-se aos fósseis, Aymar da Silva, Marília Regali, Cleantho Viana, Gerhard Beurlen, Roberto Daemon, Luiz Quadros, Joel Alves Moura e outros.

Neste cenário da paleontologia brasileira, em que as cenas sucederam-se ao correr do tempo e em que os atores, sejam primadonas ou meros pontinhas, ocupavam parte do procênio, houve uma tentativa frustrada de formar uma associação.

Foi em 1941. A idéia partiu de Price e seus colegas. Embora tivesse havido um ato formal, a idéia não foi avante. Somente em 1958, sob a regência de Wilhelm Kegel, grande paleontólogo e, sobretudo, emérito estratígrafo, pudemos concretizar a velha idéia. Criamos, há 28 anos atrás, a SBP - Sociedade Brasileira de Paleontologia. Seu I Congresso, modesto, foi em Itaboraí, com duração de um dia. Já O II Congresso, sob o entusiasmo do paleontólogo honorário Vingt-Un Rosado Maia, foi um evento marcante e memorável. Teve Mossoró como sede e durou 6 dias. Daí para cá, a SBP consolidou-se. Tornou-se em 1974, por gestão do autor destas notas, Comissão Técnico-Científica de Paleontologia na SBG - Sociedade Brasileira de Geologia, estreitando-se assim os

laços de uma comunidade que é uma só e mantendo-se toda a autonomia e a individualidade da sociedade de paleontologia.

O cenário está vivo, o palco está aberto, os atores cada vez melhores. A ciência paleontológica assume foros internacionais. O Brasil participa, cada vez mais ... Parabéns, paleontólogos brasileiros ... Nada mais pode deter a trajetória vitoriosa da paleontologia brasileira.